

retrato de um escocês evie dunmore

Tradução de Rui Azeredo

Para Mama e Oma

Capítulo 1

Londres, agosto de 1880

Enquanto hesitava na calçada encharcada pela chuva, frente à casa citadina em Chelsea, onde estava prestes a infiltrar-se, sentindo-se quente debaixo da sua capa de lã, Hattie Greenfield não conseguia evitar pensar na última vez que fugira ao seu agente de proteção. Resultara numa alteração com um polícia nojento e no encarceramento de uma amiga querida na prisão de Millbank. Calculou que as aventuras mais perigosas começavam com uma fuga ao severo senhor Graves. E também as melhores.

Olhou para a porta lacada no cimo das escadas. A mandíbula de leão de ferro forjado que segurava o batente da porta possuía dentes absurdamente compridos e pontiagudos. O aviso de que estava prestes a entrar na toca do leão era quase demasiado gritante para ser ignorado por alguém com superstição seletiva. Mas, desta vez, a sua aventura não se tratava de uma marcha pelos direitos das mulheres inerentemente arriscada em Parliament Square; era uma visita a uma galeria de arte privada. Perfeitamente inofensiva.

Levantou as saias com uma mão e começou a subir.

As suas amigas salientariam o facto de a galeria pertencer ao senhor Blackstone, um homem que a sociedade apelidara de Belzebu e que, coincidentemente, era também o rival dos negócios do pai, e não, ela não poderia ser apanhada a admirar os pré-rafaelitas dele sem uma acompanhante. No entanto, era seguro presumir que o Sr. Belzebu não estaria presente; na verdade, muito poucas pessoas o tinham visto pessoalmente. Em segundo lugar, ela inscrevera-se na visita como *Miss Jones*, uma estudante dos clássicos em

Cambridge, e não como Harriet Greenfield, estudante de arte em Oxford e herdeira de um banqueiro. Em terceiro lugar, a visita guiada à galeria de arte e antiguidades do senhor Blackstone incluía uma mão-cheia de outras jovens conhecedoras de arte e provavelmente das *suas* damas de companhia, e o convite que transportava na bolsa indicava que as fazia esperar. A visita começava às duas horas da tarde em ponto e o seu pequeno relógio de bolso praticamente lhe queimava um buraco no corpete.

As pancadas do batente pareciam desvanecer-se despercebidas no átrio do outro lado da porta. Tocou à campainha.

Silêncio.

Sob a bainha da sua capa simples, o pé de Hattie começou a bater no chão. Já deviam ter começado a visita guiada. Ela deixara o táxi, que ficara irremediavelmente preso na chuva e no trânsito logo após sair de Victoria Station, e enfrentara os restantes quatrocentos metros a pé... em vão? O bater do ferro na madeira de carvalho tornou-se insistente.

Ou, quiçá, voltara a fazê-lo. Remexeu por entre as pregas da capa para encontrar a bolsa e retirou o convite. Semicerrou os olhos para ler o endereço, depois voltou a olhar para o número da porta com toda a atenção. Continuava a ser o número 12 de Carlyle Square. A praça era pequena; Hattie duvidava que existisse um número 21. Bateu mais uma vez à porta, e bateu de novo.

A porta pesada abriu-se inesperadamente.

O homem à frente dela não era um mordomo. Os seus cabelos grisalhos finíssimos estavam despenteados, vestia um avental manchado de tinta e cheirava pungentemente a... cera para antiguidades? Sem olhar fixamente para ele, tentou avaliar se o seu rosto comprido e enrugado lhe era familiar dos círculos artísticos. A avaliação que ele fez da pessoa dela não foi subtil: o seu olhar investigou o espaço vazio onde deveria estar uma companhia feminina, depois percorreu o corpo dela da bainha encharcada até aos cabelos ruivos, sem dúvida frisados.

— E você é? — perguntou num tom arrastado.

Ela aclarou a garganta.

— Estou aqui para a visita guiada.

— A visita guiada? — O olhar do homem exprimiu compreensão. — A visita guiada.

— Sim.

Os lábios dele curvaram-se com um ar trocista.

— Estou a ver.

Hattie alternou o peso de um pé para o outro.

— Receio ter-me atrasado na viagem. Venho desde os arredores de Londres, compreende, e a minha acompanhante estava... indisposta, e depois o trânsito estava terrível em Lyall Street devido à chuva forte; as estradas estão...

— Venha lá — disse ele, e afastou-se abruptamente para o lado com um acenar de mão.

Estava incomodado; os artistas tinham esta prerrogativa, de fazer saber que se incomodavam quando se interrompia o seu trabalho.

Não havia criada à vista para guardar a capa dela; na verdade, o lugar parecia vazio como uma caverna. Sentiu um nervoso na barriga. Mas o homem da cera para móveis já se encontrava vários passos à frente dela, com o andar apressado a ecoar nas lajes pretas e brancas do átrio.

— Meu senhor. — Ela apressou-se a correr atrás dele, com a água a chapinhar entre os dedos dos pés.

Viraram para um corredor ensombrado. À sua esquerda, filas elegantes de estatuetas e jarras intrigantes chamavam por ela, mas tentar não escorregar no chão com os tacões molhados exigia-lhe toda a atenção. Mais à frente, o homem parara e abrira uma porta. Fez um gesto para que entrasse, mas ela hesitou à porta, pois embora a sala estivesse bastante iluminada não havia sinal do grupo. Não havia ninguém ali. O pintor apontou impacientemente com os dedos para o sofá mais próximo.

— Vá lá, sente-se.

Mesmo do sítio onde estava, conseguia ver que o sofá era do tempo de Luís XIV, e sentar-se na seda amarelo-manteiga com a capa húmida iria danificá-lo.

— Poderia pedir a alguém que recolhesse a minha capa, por favor, Sr...?

O homem inclinou a cabeça numa vénia fingida.

— Tratarão de si em breve.

— Senhor, devo pedir-lhe que...

A porta fechou-se com firmeza na cara dela e Hattie ficou a pestanejar para os painéis de madeira branca.

— Certo. — Expirou com força.

No silêncio, as batidas do seu coração soavam-lhe alto nos ouvidos. Sentiu suor quente a escorrer-lhe pelas costas. *Perigoso*, disseram-lhe os seus instintos. *Senhor do submundo*. Foram as palavras de Lucie, a sua amiga, após ter descoberto que o noivo, Lorde Ballentine, pedira dinheiro emprestado ao senhor Blackstone para comprar uma editora muito recentemente.

Tentou sorrir.

— Uma aventura — disse ela. — Isto é fabuloso e uma aventura.

Voltou-se para a sala. Era o covil de um pirata. E os tesouros chegavam até ao teto. Cada prateleira e superfície de mesa que via encontrava-se apinhada de esplendor: casais de porcelana brilhantes — Meissen, à segunda vista —, estatuetas de marfim e ouro filigranadas, caixas ornamentadas e esculpidas com arestas suavemente arredondadas em todas as tonalidades de jade. Peças selecionadas eram iluminadas por pequenos candeeiros de mesa com tons cerâmicos tão finos que a luz do gás brilhava através delas como se fossem feitas de seda. A parede oposta era coberta por um papel de parede Morris espalhafatosamente floral — um desperdício, pois encontrava-se coberto de cima a baixo por quadros, cujas molduras douradas quase se tocavam.

— Oh, meu Deus. — Riu-se suavemente. Um quadro de Cranach, *o Velho*, encontrava-se exposto junto a uma cena de piquenique que parecia um Monet. Objetivamente, mais intrigante que os pré-rafaelitas. De forma chocante, as brasas que ardiam na lareira à sua esquerda detinham, naquele momento, o maior apelo. Ao caminhar com cuidado por entre o leque de mesas de canto decoradas, a sua capa abanou uma delas e fez com que uma bailarina de porcelana se balançasse perigosamente nas pontas dos pés. Credo! O que teria levado o senhor Blackstone ou o seu curador a misturar estas peças preciosas como convidados de um jantar festivo organizado sem cuidado algum, já para não mencionar o facto de se encontrarem numa sala aberta ao público?

O calor proveniente da lareira era fraco. O reflexo de Hattie no grande espelho acima da estante da mesma era igualmente dececionante: a pluma roxa do seu chapéu estava tão fina quanto a cauda de uma ratazana, os seus caracóis normalmente sedosos um tumulto e o seu nariz empinado apresentava um brilho cor-de-rosa. Se fora isto que a breve caminhada fizera ao seu rosto, que destruição causara nos seus chinelos? Esticou um pé para fora da batinha. Tacões delicados, seda branca, bordados com as mais pequenas das pérolas. Uma escolha totalmente inapropriada para uma saída, mas um dos pares favoritos de Hattie. Claramente danificados para lá de qualquer conserto possível. Sentiu o estômago a afundar-se.

A culpa era do professor Ruskin. Não tivesse ele chamado «adorável» ao seu *Rapto de Perséfone* na semana anterior e Hattie não teria embarcado no comboio naquela manhã. Fora um *adorável* a mais desde que se matriculara em Oxford no ano anterior. Ele dissera-o de passagem, com um aceno de cabeça amigável, depois ficara junto ao cavalete de Lorde Skeffington e criticara o trabalho dele em profundidade, e ela permanecera atenta tentando apanhar

com os ouvidos o conselho de como fortalecer a goticidade num quadro. De alguma forma, a ideia de olhar com atenção para a *Ofélia* de Millais, que o senhor Blackstone assegurara para a sua coleção privada, enraizara-se durante essa aula. E sim, poderia ter havido uma pequena tentação irresistível na possibilidade de entrar numa propriedade do senhor Blackstone — o único homem da Grã-Bretanha que se atrevia a não responder aos convites para almoço do seu pai.

Por vontade própria, a atenção de Hattie mudou-se para o par de jarras vidradas a verde e bojudas que flanqueavam o relógio na estante. Eram facilmente ignoradas à primeira vista, pouco notáveis devido à sua vulgar simplicidade, como um parente pobre num salão de baile opulento. E no entanto... os olhos dela estreitaram-se no relevo da jarra mais próxima. Sentiu uma sensação afiada a picar-lhe o pescoço — olhava para algo extraordinário, de facto. Ainda assim, não deveria tocar-lhe. Não deveria mesmo tocar-lhe. Puxou a luva da mão esquerda, enfiou-a no bolso da capa e passou suavemente o dedo indicador pelo padrão do bordo da jarra. Com alguma sorte, haveria uma marca para confirmar as suas suspeitas — se ela se atrevesse a verificar.

As deliberações foram breves.

Pegou na jarra com as duas mãos, manuseando-a com o cuidado ansioso que devotaria a um ovo cru, e virou-a para baixo. Havia uma marca. Os pelos finos dos seus braços arrepiaram-se. Esta peça modesta era quase certamente uma jarra Han. Se fosse autêntica, teria perto de dois mil anos. Hattie sentiu as palmas das mãos a aquecer e a suar.

— Preferia que não tocasse nisso — disse uma voz rouca masculina.

Ela assustou-se e soltou um guincho, apertando a jarra contra o peito.

O que viu no espelho fê-la ficar paralisada.

O pirata regressara à sua gruta.

Não vira nem ouvira nada enquanto estava absorta nos seus pensamentos. Ele deve ter estado a observá-la durante algum tempo, com um ombro encostado à ombreira da porta da sala anexa e os braços cruzados sobre o peito largo. Ela virou-se lentamente, sentindo o estômago a esvaziar-se. Obviamente não se tratava de um pirata, mas não era decente: não vestia casaco, nem usava lenço ao pescoço, e tinha as mangas dobradas para cima, expondo antebraços musculados. Os seus cabelos rebeldes da cor de carvão eram demasiado compridos e o maxilar forte com uma sombra de barba por fazer. Mas a parte menos civilizada eram os olhos — estavam fixos nela com uma intensidade singular que lhe fez curvar os dedos dos pés nas meias molhadas.

— Eu só... — A voz faltou-lhe.

Ele fechou a porta. Ela apertou a jarra com mais força. Obviamente fora enviado para buscá-la, mas os nervos dela agitaram-se, exigindo-lhe que se retirasse. Ele avançou para ela com suavidade, demasiada suavidade, não embatendo em nada durante a caminhada por entre os artefactos delicados. Ela estava imóvel como um coelho espantado até ele aparecer mesmo à sua frente.

Ele *era* impressionante. Os contrastes de cor que apresentava chamavam toda a atenção para os olhos dele: duros e cinzentos como ardósia, com so-brancelhas e pestanas negras dispostas num rosto pálido. Os seus traços eram decididamente masculinos, a sua simetria elegante vagamente perturbada por um nariz outrora partido. Tinha a aparência intemporal de um homem que vivera demasiado, demasiado cedo.

Manteve o olhar fixo no dela enquanto deslizava dois dedos da mão esquerda pela boca da jarra. Que ela continuava a agarrar como um ladrão apanhado em flagrante.

— Porque não me dá isso? — disse ele.

A pele de Hattie ardia ruborizada de vergonha quando largou a cerâmica preciosa. Tinha irmãos, estudava ao lado de homens e nunca ficava muda na sua presença — nunca ficava *muda*. Mas quando o homem voltou a pousar a jarra na estante, inspirou o cheiro dele, uma mistura atraente de sabonete de pinho e goma de passar — incongruentemente limpo com a sua aparência de pirata — e não sabia para onde olhar. Estava sem dúvida demasiado ciente do facto de este homem ser um homem. Ele tinha pouco mais do que uma altura média, mas as mangas macias de algodão cingiam-se confortavelmente aos ombros dele, indicando elevações e arestas de músculos que nenhum cavaleiro possuiria. Voltou a olhar para o rosto dele no mesmo instante em que ele inclinou a cabeça, e os seus olhares encontraram-se de novo numa inspeção mútua. Uma cicatriz fina bissetava o lado esquerdo do lábio superior dele. A boca dela ficou seca. Era um truque de luz, mas as íris dele escureceram uma tonalidade ou duas.

— Não tencionava tocar-lhe — disse ela com afetação.

Uma leve expressão irónica atravessou o rosto dele. Não conseguiu suavizar a rigidez da sua boca.

— E tenho o prazer de estar a falar com *Mrs...*?

— *Miss*. O meu nome é *Miss Jones*. — Saiu-lhe num tom pouco natural. Os olhos dele faiscaram quando registou a mentira.

— Qual o propósito da sua visita, *Miss Jones*?

Ele era escocês. Os erres dele emergiam como rugidos que rolavam com suavidade. Isso explicava a tez clara e os cabelos escuros celtas... Mais interessante ainda, o calor que emanava do corpo dele era mais quente do que as brasas na grelha da lareira. Hattie sabia-o porque ele estava demasiado perto. A sua mão direita continuava apoiada na prateleira perto do ombro dela, fazendo com que o braço dele cortasse qualquer rota de fuga à esquerda.

Hattie molhou os lábios, nervosa. O propósito da sua visita?

— A visita completa?

Os ombros dele endureceram numa tensão subtil.

— E tem a certeza disso?

— Claro que sim, e agradecer-lhe-ia imenso se pudesse...

Ele levou uma mão ao rosto dela e a ponta do dedo tocou-lhe levemente na maçã do rosto.

O homem estava a tocar nela. *Um homem* estava a tocar nela.

O mundo abrandou até parar. Ela devia gritar. Esbofeteá-lo. O corpo não lhe obedeceu; permaneceu imóvel enquanto o ar entre eles estalava com uma premonição de que Hattie se encontrava na iminência de algo imenso.

O cinzento dos olhos dele era tão suave e ameaçador quanto fumo.

— *Aye* — murmurou ele. — Então dar-lhe-ei a visita guiada, *Miss Jones*.

Os dedos dele curvaram-se em volta da nuca dela e logo a sua boca se juntou à dela.

Capítulo 2

Os lábios dele são macios. A pressão estranha de uma boca macia e quente contra a sua foi tudo o que conseguiu registrar no seu estupor paralisante. Barba a fazer fricção no seu queixo. O toque escorregadio de uma... língua de encontro aos seus lábios, exigindo entrada... A cabeça de Hattie recuou com rapidez ao mesmo tempo que a mão voou para cima, e o estrondo da palma da mão nua a embater na face dele soou limpo como um tiro. Ela gritou, tardiamente, pois acabara de esbofetear um homem com força o suficiente para virar a cabeça dele para o lado.

Ele abanou-se um pouco, com uma breve expressão de incredulidade no rosto, e semicerrou o olhar nela.

— A senhora não está aqui para esse tipo de visita, suponho — disse ele sombriamente.

Ela apressou-se a afastar-se do alcance dele, com o coração a palpitar.

— Não me toque.

A saia dela encontrou um obstáculo; algo raspou no parquê e algo se partiu. O tacão esquerdo dela escorregou, e Hattie sentiu uma dor forte e quente no tornozelo à medida que este virou, levando-a a soltar um grito.

O homem vociferou um palavrão e dirigiu-se a ela.

— Afaste-se de mim!

Ele aproximou-se, com os seus ombros musculosos. Um olhar rápido disse-lhe que estava a meio caminho da porta. *Ajuda* — haveria alguém que a ajudasse nesta casa vasta e vazia?

Mais um estrondo.

— *Miss...*

Às cegas, Hattie pegou em algo de uma mesa e apontou-o como um florete.

— Fique onde está, ou espeto-o com isto.

Nesse momento, ele ouviu-a. Com os olhos fixos na sua arma improvisada, parou e levantou lentamente as mãos, de palmas viradas para a frente como se tentasse acalmar um cavalo assustado — como se *ela* fosse a pessoa tresloucada na sala!

— Muito bem — disse ele. — Mas pouse isso.

Ela apercebeu-se de que estava a segurar a dançarina em pontas que antes quase atirara ao chão.

— É uma peça única — acrescentou o homem.

— Estou ao corrente disso — atirou ela. — Meissen, e uma edição limitada de 1714.

Uma fâsca de surpresa passou pelos olhos dele, ali presente antes de desaparecer numa fração de segundo.

— Então concorda que não deveria ser destruída na senda de dramas desnecessários — disse ele.

— Dramas? — O ultraje fez com que ela guinchasse. — O senhor acaba de me atacar.

— Um mal-entendido lamentável — disse ele, não parecendo particularmente arrependido.

Ela sacudiu a dançarina na direção dele.

— O senhor Blackstone vai saber do seu comportamento perverso.

Ele esboçou um sorriso.

— Sem dúvida. *Miss Jones*, porque não se senta? — sugeriu, gesticulando para a bainha da saia dela. — Parece que se aleijou.

Ele não tinha nada que pensar ou aludir a qualquer parte da anatomia dela, mas é claro que tinha de deitar sal na ferida ao mencionar o seu tornozelo torcido. Estava também a observá-la com um aborrecimento crescente, como um predador que questionava a razão de estar a ser comandado pela sua presa.

Hattie sentiu o pulsar da dor no pé esquerdo ao dirigir-se lentamente para a porta, de lado, como um caranguejo, pois não o ia deixar sair da vista dela. O seu coração bateu de alívio quando saiu de rompante para o corredor: o pintor incomodado e um jovem cavalheiro magro com um bigode louro respeitável pairavam a apenas poucos passos no corredor, com expressões de alarme no rosto.

— Graças a Deus. — Ela mancou na direção deles. — Necessito da vossa ajuda. Está ali um homem — apontou sobre o ombro com o polegar — e receio que não esteja a agir como um cavalheiro.

Os homens trocaram um olhar cauteloso. Ocorreu-lhe então que a terão ouvido gritar. Por que razão estariam em frente à porta se não fosse esse o caso? E, no entanto, nenhum deles fora investigar. Sentiu um aperto no estômago e uma tontura, como se estivesse a ficar nauseada. Era evidente. A sua aparência era terrível. Encontrava-se ali sem dama de companhia. A capa incógnita dela era um adereço de teatro oriundo do velho baú da sala de brincar do quarto de crianças. Naquele momento não era Hattie Greenfield; nem sequer se tratava de uma jovem adequadamente acompanhada. A ausência do nome do pai esbofeteou-a com uma força gelada, como se lhe tivessem tirado um escudo invisível, ou de repente a tivessem despido em frente de uma multidão. Naquele momento ela era... ninguém.

Virou-se para o homem louro, que, apesar de tímido, ainda assim parecia bastante mais passível de ajudar uma donzela em apuros do que o pintor.

— Por favor, meu bom senhor, é possível que eu precise de um braço onde me apoiar...

A atenção dos homens virou-se para algo atrás do ombro dela e Hattie percebeu que o bárbaro estava no corredor. Conseguia *sentir* a energia negra que rodopiava em volta dele.

— E se me pudesse chamar uma carruagem, seria profundamente atencioso da sua parte — acrescentou ela prontamente.

— Não tão depressa — ouviu-se dizer a voz do homem.

— Deve também informar o senhor Blackstone de que ele tem um rufia entre os seus empregados que ataca as convidadas debaixo do teto dele.

Os olhos do homem louro arregalaram-se, alarmados.

— Ah — disse ele, com a garganta a mover-se de forma convulsiva. — *Miss...*

Hattie soltou um arquejo patético quando se apercebeu da realidade. Fechou os olhos.

— Ele está mesmo atrás de mim, não está? — disse ela. — O senhor Blackstone.

— Está sim — respondeu o jovem num tom de desculpa.

Por vezes, ela era mesmo tonta. A identidade do escocês devia ter sido óbvia para ela mal atravessara a sala como se fosse dono da mesma; no mínimo, quando tentara arrebatá-la junto a uma jarra Han como se fosse algo

bastante normal. Todas as coisas horríveis que ouvira sobre ele eram verdadeiras, evidentemente.

Sentiu um puxão na estatueta, lembrando-lhe que ainda a segurava.

De qualquer forma, agora já não lhe servia de nada.

O semblante bruto do senhor Blackstone estava mesmo em frente dela, com um olhar concentrado. Na sua mão direita encontrava-se a dançarina, o punho largo dele praticamente a engolir a mulher elegante. *Belzebu*. Um dos homens de negócios mais ricos, mais temíveis e com pior reputação de Inglaterra e que, a confiar nos rumores, atirara vários pares do reino para a ruína financeira. A sua aparência parecia confirmá-lo, desde os olhos, que pareciam não conhecer qualquer alegria, ao nariz partido e ao corpo forte como um touro, que a fazia pensar que ele apreciava lançar bigornas por desporto. Poucas pessoas conheciam a aparência dele; era esquivo como um fantasma. E ela beijara-o. Sentiu o calor subir-lhe pelo pescoço. O pai iria enviá-la para um convento.

Foi então que um lampejo de reconhecimento passou pelo olhar do senhor Blackstone e o franzido do sobrolho se suavizou. Deu um passo atrás e inclinou a cabeça.

— Blackstone, ao seu dispor. O meu assistente, senhor Richard Matthews.

— Atirou a estatueta para as mãos do homem louro enquanto mantinha os olhos nela. Não apresentou o pintor mal-humorado.

— *Miss Jones* — respondeu ela com rigidez.

— Assim o afirma.

A cadência celta desaparecera, mas o sarcasmo era bastante evidente. Conhecera-o há meros minutos e já sabia que se tratava de uma das pessoas menos refinadas com quem alguma vez se cruzara. E ele sabia que ela mentia. Tinha de partir antes que ele desvendasse a sua identidade, pois então a sua excursão imprudente acabaria por chegar aos ouvidos do pai.

— Bom — disse ele. — Que visita guiada é esta que alega ter vindo fazer, *Miss Jones*?

Ela abanou a cabeça.

— Só desejo ir-me embora.

O olhar dele estreitou-se.

— Preferia não o incomodar ainda mais — tentou ela. Se não fosse pelo tornozelo magoado, além das saias estreitas e os sapatos estragados, correria dali para fora.

O senhor Richard Matthews emitiu um leve som de consternação.

— Temo que a visita a que se refere tenha sido cancelada.

A cabeça de Blackstone virou-se repentinamente para o assistente como se tivesse ficado surpreso, e o senhor Matthews mostrou-se irrequieto onde estava, mas o peito de Hattie aliviou-se subitamente.

— Então havia uma visita guiada? Começava a pensar que se tratava de um produto da minha imaginação.

Matthews evitava o olhar do patrão.

— Havia. Enviei todos os avisos de cancelamento ontem. A chuva contínua provocou uma fuga de água na galeria principal e algumas das obras lá expostas foram afetadas.

— Não a *Ofélia*, espero.

Os três homens fitavam-na com um olhar vazio.

— Vim ver os pré-rafaelitas — disse ela ao senhor Matthews. — A *Ofélia* em particular.

— Não, a *Ofélia* está em perfeitas condições — apressou-se a tranquilizá-la.

Obras de arte danificadas explicavam a presença do pintor, que permanecia atrás do senhor Blackstone com uma expressão enfadada no rosto. Tratava-se do restaurador, provavelmente. Mas não explicava a razão para ter sido maltratada. A única forma de explicar *isso* era se todos a tivessem tomado por uma das amigas especiais do senhor Blackstone... Sentiu-se empalidecer.

O senhor Matthews puxou o nó do lenço de pescoço.

— As minhas desculpas mais sinceras, *Miss Jones*. Talvez tenha havido um problema nos correios.

— Por favor, não se incomode. — Forçou um sorriso para o sossegar. Os Correios Reais funcionavam perfeitamente, tanto quanto ela sabia. Mas a carta de cancelamento de Hattie teria sido enviada para a sua colaboradora em Cambridge e, por alguma razão, *Miss Jones* não a notificara a tempo da alteração de horário. Além disso, ela, Hattie, não passara pelo seu cacifo em Oxford para recolher a sua correspondência naquela manhã, preocupada em preparar mentalmente os passos para escapar ao senhor Graves nas Galerias da Universidade de Oxford.

— Matthews — disse o senhor Blackstone abruptamente. — Diga a *Nicholas* para levar *Miss Jones* a casa.

Ela recuou.

— Obrigada, mas não é necessário, de todo.

Ele lançou-lhe um olhar sombrio.

— É, sim.

O senhor Matthews já se apressava pelo corredor sobre pernas magras.

— Que gentil da sua parte em insistir — disse ela ao senhor Blackstone.
— Mas necessito apenas de ajuda para chamar uma carruagem.

— A minha carruagem é mais rápida, mais confortável e está à espera nas traseiras.

Ela abanou a cabeça, com o coração a bater com força, de novo, de uma forma desagradável.

— Não quero incomodá-lo, meu senhor.

— Então serei direto, *Miss Jones* — disse ele num tom arrastado. — Pode ter escapado aos seus ouvidos delicados, mas tenho uma certa reputação. — Apontou com a cabeça para a aparência desmazelada e desequilibrada dela. — E se pretende manter a sua, é melhor que não seja vista a coxear da minha porta para fora sem acompanhante.

Ela não pensara que o seu rosto pudesse ruborizar ainda mais, mas aconteceu. Um sermão sobre conveniências sociais vindo de um homem de tão má criação, mesmo se merecido, teria de ser o pico da humilhação na vida de uma jovem mulher. Levantou o nariz.

— Muito bem.

O senhor Blackstone mostrou uns dentes surpreendentemente brancos num sorriso. O canino esquerdo estava bastante lascado, a continuação da cicatriz que lhe cortava o lábio superior. Com o olhar fixo no dela, desenrolou as mangas numa tentativa de decência irremediavelmente tardia. A visão do algodão amarrotado e das mangas sem punho a roçar os pulsos dele funcionara de forma oposta, pois um homem teria esta mesma aparência quando se vestia apressadamente após um encontro ilícito. Hattie desviou o olhar, sentindo a garganta estranhamente apertada. Ainda sentia um formigueiro nos lábios devido ao beijo dele; a palma da mão esquerda ainda lhe doía da colisão com a face dele. O tornozelo dela ardia. A verdade era que, se o meio de transporte mais rápido disponível fosse um burro, Hattie teria saído a galope da galeria.

Capítulo 3



Uma distinta sensação de mau agouro percorreu-lhe a espinha à medida que observava a sua carruagem com a passageira de cabelos ruivos a juntar-se ao trânsito londrino. Estranho, pois Lucian Blackstone há muito que deixara de acreditar no destino e preferia forjá-lo com as suas próprias maquinações.

— Era uma das filhas do Greenfield, não era? — perguntou.

Apercebera-se disso ao observar com atenção o rosto dela no corredor, quando ela finalmente cessara de abanar os braços, de gritar e de partir antiguidades. Isso explicaria a sensação visceral nas suas entranhas quando cravou os olhos nela pela primeira vez, uma sensação que todos os ladrões experientes conheciam quando encontravam algo precioso.

— Creio que sim, senhor. — Matthews parecia mais nervoso do que o habitual. — Os cabelos ruivos, a estatura baixa e voluptuosa...

— Tenho olhos, Matthews. Você — Virou-se para Renwick, que pairava parcialmente escondido nos degraus da porta das traseiras com ele e Matthews, em vez de retomar o seu trabalho. — O que o levou a pensar que ela viera aqui para foder?

Renwick coçou a nuca.

— Por estar desacompanhada?

— Uma condição necessária, mas não suficiente, seu imbecil.

— E, pelo que sei, as senhoras volta e meia procuram-no para umas cambalhotas...

— À luz do dia? — rosnou Lucian. — E pela porta da frente? Para que fique bem claro, Renwick: mesmo se a grande meretriz da Babilónia vier bater à porta, não a deixe entrar em minha casa.

Raramente se deixava cair na pronúncia escocesa da sua juventude; hoje continuava a acontecer — *meretriz* soara a *merretrriz*. Ao lado dele, Matthews remexia-se com pouco à-vontade.

— Ela estava a causar uma cena — disse Renwick com teimosia. — A bater à porta com força como se tivesse um regimento em fúria atrás dela. — O corpo comprido dele estremeceu; odiava barulho.

Lucian estreitou o olhar.

Isto captou a atenção de Renwick.

— Muito bem — disse num resmungo. — Nada de visitas.

— Ótimo — disse Lucian, e encerrou o assunto, pois embora Renwick fosse do tipo que deixaria espiões entrar em casa de Lucian inadvertidamente, o seu talento como pintor ainda fazia dele o melhor homem em Londres para restaurar de forma discreta uma tela com quinhentos anos.

Quando a porta se fechou atrás do artista taciturno, voltou-se para Matthews.

— Bom. Quando é que aprovei visitas guiadas à galeria abertas ao público, exatamente?

O seu assistente parecia pronto a fugir.

— Há aproximadamente dois meses, senhor — respondeu. — Fazia parte das medidas que aprovou para, há... melhorar a sua reputação.

— Dois meses? — Teve um vislumbre da memória e, ali estava, recordou-se de uma lista. Vagamente. Matthews apresentara-lha mal emergira da sua semana anual de embriaguez pura, a sua semana de desgraça, alimentando um péssimo humor e uma cabeça pesada.

— Matthews.

Os olhos do homem arregalaram-se, alarmados.

— Sim?

— Estou com dificuldade em compreender como é que ter janotas a passear-se pelas minhas coleções faria com que me recebessem de braços abertos na Câmara dos Comuns.

Matthews passou os dedos pelo bigode.

— A filantropia é um caminho sinuoso — disse ele por entre carícias ao bigode. — Trata-se de uma estratégia gradual e inclui várias atividades como convidar o público para ver as suas coleções, ser um patrono das artes...

— Eu sei o que é a filantropia. Retire tudo da sua lista que convide pessoas

para as minhas propriedades. Agora, chame uma carruagem para Belgravia. E pense. Diga-me tudo o que sabe sobre a rapariga Greenfield.

Os cerca de três quilómetros até à sua casa foram lentos — as estradas estavam molhadas e repletas de destroços deixados para trás pelos jorros das caleiras e algerozes inundados, e carroças e carruagens formavam núcleos aleatórios em vez de avançarem em filas manobráveis. As janelas da carruagem estavam embaciadas e o cheiro a tecido húmido empestava o interior. Era uma pena que a sua carruagem limpa e conduzida com competência estivesse presentemente ocupada com a entrega de uma herdeira intratável.

Matthews estava sentado frente a ele, com as sobrancelhas franzidas em concentração.

— Se fosse a filha do meio, deveria ter uns 20 anos. De qualquer forma, ainda não atingiu a maioridade.

— Está prometida para casar? Sei que a mais velha é casada.

Matthews abanou a cabeça.

— Que eu tenha conhecimento, não está formalmente prometida a ninguém. Ao que parece, é a Greenfield a quem permitiram frequentar Oxford. Uma das filhas dele estuda com Ruskin.

Uma *mulher moderna*, então. Uma mulher com opiniões. Uma estudiosa. O facto de andar por aí sem dama de companhia e a história louca de querer participar numa visita guiada à galeria — ao invés de espia-lo — podia muito bem ser verdade, portanto. A estranha capa velha dela permanecia incompreensível. Apercebeu-se de que estava a passar o dedo indicador pelo lábio inferior para a frente e para trás, como se perseguisse quaisquer vestígios que a boca macia dela pudesse ter deixado. Uma boca muito macia. Revelara um sabor doce, um indício de chá açucarado misturado com o sabor da chuva na pele. O cheiro dela ainda permanecia nele; conseguia cheirar rosas de cada vez que se mexia. Deveria ter adivinhado mal a vira que Renwick se enganara em relação a ela — os seus olhos castanhos arredondados não possuíam qualquer conhecimento ou malícia. Ou soubera-o e, mesmo assim, ela tentara-o — após todos estes anos, as coisas preciosas ainda o atraíam como um íman.

— O Greenfield é um tolo ao deixá-la de rédea tão solta — disse, mais para consigo mesmo do que para Matthews, mas o assistente assentiu com a cabeça, prestável como sempre.

Supunha que Julien Greenfield, patriarca da família detentora do maior banco da Grã-Bretanha, estaria correntemente mais preocupado com outros assuntos do que em manter a sua prole debaixo de olho. O homem debatia-se com o seu portefólio de investimentos privados em Espanha, graças ao facto

de o recém-restabelecido monarca de Madrid ter lançando uma nova política de reforma bancária. E fora praticamente forçado a deixar o setor ferroviário espanhol pelo banco dos irmãos Pereire há alguns anos. Fora por isso que o banqueiro lhe enviara dois convites para um almoço privado em dois meses, suspeitava Lucian, quando, até à data, nem sequer se conheciam. Por seu lado, Lucian reduzira há muito as suas operações no mercado espanhol — exceto alguns investimentos em companhias ferroviárias. Ainda detinha trinta por cento das ações do conglomerado ferroviário de Placência-Astorga, e Greenfield devia ter descoberto. *Ora bem, isso seria uma medida para fazer avançar a minha missão*, pensou ele — fazer uma troca pelo seu último investimento substancial em Espanha.

— Esta sua lista de bom samaritano — disse a Matthews —, lembre-me, que mais consta dela?

O assistente dele ficou tenso, como um miúdo chamado ao quadro sem estar preparado. Por vezes, Lucian esquecia-se de que, aos 30 anos, Matthews era um ano mais velho que ele. Num dia bom, sentia-se décadas mais velho do que o homem.

— Recomendei que revelasse o seu nome por trás das suas atividades de beneficência — disse Matthews. — O hospital em York, por exemplo, deixaria de existir sem o seu apoio financeiro. Deveríamos fazer saber que é o senhor o benfeitor antes que a temporada termine.

Lucian grunhiu.

— A beneficência tem mais sucesso sem o meu nome para manchá-la.

— Foi precisamente por esse motivo que selecionei cuidadosamente as causas apropriadas. Como o hospital é frequentado apenas pelos destituídos, como poderia alguém importante objetar?

Não o fariam, pois ninguém importante queria saber de um hospital que trata da escória da sociedade.

— Muito bem — disse ele. — Revele o meu nome.

Matthews parecia agradado; a sua lista deveria ficar bastante reduzida em tamanho após retirar as visitas à galeria e afins. Provavelmente retirar-se-ia para os seus aposentos mal chegassem a Belgravia e tocaria a mesma música na sua flauta transversal, uma e outra vez, como sempre fazia para acalmar os nervos.

Não era como se a abordagem de Matthews fosse insensata — não inteiramente —, mas Lucian suspeitava de que era ineficaz e, como tal, não valia o esforço. Já mudara o seu comportamento durante os últimos meses: vendera umas quantas dívidas a mãos menos vis que as dele e perdoara totalmente

uma dívida — um comportamento sem precedentes por parte dele. Até ao momento ainda não colhera os resultados — como, diga-se, um convite para as salas secretas do Tesouro Público.

— Senhor, há algo que pode fazer que teria um efeito imediato e vantajoso na sua reputação — disse Matthews.

— Sou todo ouvidos.

O seu assistente focava um ponto junto ao ombro de Blackstone em vez de o encarar nos olhos.

— Poderia parar de atormentar o Conde de Rutland.

Sentiu o coração a ser coberto por uma camada de gelo ao ouvir aquele nome infernal.

— Nunca — respondeu num tom grave.

Os lábios de Matthews empalideceram e Lucian voltou a olhar pelas janelas sujas. A frouxidão enervava-o. Mas podia apostar que Matthews também não gostava de si. O homem era o quarto filho de um barão — no fundo da hierarquia dos pares do reino e acometido pela pobreza fina —, mas ainda se considerava de uma melhor cepa de homem que ele. Teimosamente, defendia os seus modos de classe alta e vestia o seu colete, casaco e calças de cores diferentes, com o brasão de família proeminentemente à vista nos seus lenços. Tecia comentários em latim murmurado baixinho e os seus dedos eram compridos e brancos, e nunca se cansaram muito mais além de tocar na maldita flauta, ou segurar um baralho de cartas perdedor. Sim, odiaria receber ordens de um homem como Lucian. Mesmo que esse homem o tivesse tirado de uma cela malcheirosa da prisão dos devedores.

Com bastante atraso, chegaram à sua residência em Belgravia. A sua casa recebeu-o com um silêncio frio, um efeito secundário de ter todas as janelas emparedadas. Os candeeiros a gás ao longo das paredes acenderam-se e banharam a sala cavernosa com uma luz amarela coberta de fuligem. Sugava as cores dos tapetes persas no chão e as várias pilhas de jornais científicos e económicos que gradualmente cresciam até ao teto. A luz de gás era uma luz muito má, fraca e fuliginosa. Blackstone tinha de se manter perto do enorme mapa de negócios que cobria a parede leste nesta luz apenas para conseguir discernir as diferentes cores dos fios que visualizavam os fluxos financeiros na Europa e para a Costa Leste americana. E arruinava a sua visão ao estudar as suas notas em letra pequena e recortes sobre políticas fiscais britânicas, que prendera à parede atrás da escrivaninha. Assim que as novas lâmpadas e circuitos elétricos de Edison provassem ser seguros para uso interior, retiraria os canos de gás das suas moradias.

Por ora, o assunto mais premente era a filha de Greenfield.

Encostou-se para trás na borda da escrivaninha. No mapa de negócios à sua frente, dúzias de fios que representavam empréstimos, equidades e fluxos de rendimentos espalhavam-se de um alfinete com o nome Greenfield para vários países, instituições e indústrias. O quadro confirmava que Greenfield se achava em terreno instável em Espanha. Sem a maioria das ações de uma das companhias ferroviárias, encontrava-se na posição de ser relegado para o banco traseiro desse mercado. E homens como Greenfield não apreciavam estar em segundo lugar.

Além do uivo suave do ar estagnado vindo do poço de ventilação, um pesado silêncio enchia a sala. Podia vender as suas ações a Greenfield. Mas, mal a transação fosse terminada, o banqueiro perderia o interesse por ele. As relações de negócios eram elos instáveis: fiáveis apenas se se pudessem esperar favores em troca delas num futuro próximo. Fora por isso que ignorara os convites para almoço — tratavam-se, potencialmente, de bilhetes raros para um lugar à mesa dos negócios, mas ainda não tinha a certeza de como usá-los como vantagem. E queria esse lugar à mesa. Levava-lhe demasiado tempo para compreender que a sua riqueza não lhe compraria as mudanças que queria exercer. O dinheiro, aprendera Blackstone, era um animal completamente diferente do poder. O *poder* era detido pela sociedade educada dentro da fortaleza hermeticamente fechada das experiências partilhadas em Eton, Oxford e Cambridge, casamentos estratégicos e leis de sucessão. A política era feita em salas secretas privadas, após jantares, durante *grands tours*. Não obstante os seus castelos em ruínas e propriedades agrícolas improdutivas, estes círculos consanguíneos continuavam a posicionar o dinheiro abaixo do nome e das relações sociais. Mas Julien Greenfield tinha um pé na porta. Um século após a família se ter instalado na Grã-Bretanha, o dinheiro dos Greenfield já não era dinheiro novo e as suas propriedades já não contavam como pequena nobreza-relâmpago.

Regressou à escrivaninha e pegou na caneta, pois existia toda uma nova avenida para estes círculos sagrados. Os pormenores do seu plano eram pouco claros, mas tinha os músculos tensos com a impaciência determinada que conhecia quando descobria um investimento vencedor. Apostaria o seu dinheiro em *Miss Jones*.

Capítulo 4



Ruskin tinha razão: Perséfone estava adorável. Hattie apercebeu-se desse facto nem dois minutos decorridos após ter começado a aula, e recuou, percorrendo o quadro erráticamente com o olhar. O suave arranhar de giz e pincéis em tela e os passos de Ruskin por entre os cavaletes desvaneceram-se num rugido branco. Como não o vira antes? Ali estava Perséfone, no processo de ser arrastada do seu campo de flores para o submundo por um braço musculado em volta da cintura, e, apesar do horror expressado no seu rosto, este era... um horror educado. A dinâmica do seu corpo à medida que se torcia para se afastar de Hades, deus do submundo, era, à segunda vista, contida. Não era assim que se resistia a um rapto, provavelmente.

Limpou as palmas das mãos suadas ao avental. Que desastre! Sem o pretender, focara-se em preservar a compostura de Perséfone durante a sua provação; agora, a sua heroína parecia consciente do seu penteado enquanto lutava contra o seu agressor. Onde estava a paixão, a fúria, a verdade? Não se tratava de uma Artemisia Gentileschi, com certeza. Na verdade, esta seria a interpretação mais tépida do rapto desde Walter Crane... Ao ouvir o seu gemido queixoso, a atenção coletiva de todos os alunos masculinos nas galerias da Universidade virou-se para Hattie num sibilo audível, que rapidamente se encolheu atrás da sua tela. À sua direita, Lorde Skeffington parara o seu esboço e mirava-a com curiosidade.

— Passa-se alguma coisa, *Miss Greenfield*? — murmurou.

Por onde começar? O calor nas suas faces dizia-lhe que tinha o rosto vermelho como um tomate. Forçou um sorriso.

— Não. De todo.

Deslizou o pincel seco a esmo num pedaço de céu, fingindo-se imersa na sua obra. Logo a atenção se afastou dela. A sua aflição mantinha-se. O seu trabalho, uma obra de cinco semanas, não tinha alma, estava morta.

A culpa residia no beijo. O beijo.

Três dias após o facto, a recordação da boca do senhor Blackstone na dela não se desvanecera. Pelo contrário: durante os seus sonhos, acordada e na cama, revisitara desavergonhadamente o leve contacto, uma e outra vez, e estava agora de tal forma embelezado que se tornara um assunto vívido, arrastado e voluptuoso, em vez de chocante. Não *desejava* realmente esquecê-lo. Vários pontos brancos na topografia da vida quotidiana de Hattie eram agora coloridos: podia inserir a pressão quente da boca de Blackstone em todos os inúmeros romances que devorara, quando antes o entendimento que possuía sobre a sensação de um beijo parecera estar limitada a sentir os próprios lábios nas costas da mão. Finalmente compreendia o que as amigas Annabelle e Lucie gozavam à porta fechada desde que se tinham juntado aos seus prometidos. Mas também sabia agora que ser agarrada por um senhor do submundo evocava choque, descrença, calor, confusão. Esbofeteara Blackstone antes de conseguir pensar. Nenhuma destas emoções básicas se encontravam presentes na sua Perséfone. O seu quadro era *ignorante*. Agora sabia. O beijo de Blackstone fizera-a ver.

Virou-se para Lorde Skeffington.

— Minha senhoria — coaxou.

— *Miss Greenfield*. — Baixou o pincel, com uma expressão inquisitiva no rosto.

— Pensa ser possível fazer boa arte sem experiência?

Ele franziu o sobrolho, surpreso.

— Hum. Está a sentir dificuldades com o seu quadro?

— Não, não, é uma questão geral sobre a qual pondero.

— Ah, uma questão de filosofia.

— De certa forma. Pergunto-me: deverá um artista possuir conhecimento pessoal sobre o objeto da sua arte para ser... arte?

Lorde Skeffington riu-se.

— Grandes pensamentos antes do almoço, meu Deus.

O sorriso dele sossegou brevemente os problemas de Hattie. Era tão charmoso! Na sala bem iluminada, os seus cabelos dourados e fofos brilhavam

como uma auréola em volta do rosto dele. Os lábios eram rosados e desenhados com delicadeza. Se fosse uma rapariga, uma boca assim seria descrita como um botão de rosa. Parecia-se muito como ela imaginava a sua personagem favorita de Austen, o senhor Bingley, e não se tratava de uma coincidência ter escolhido trabalhar junto dele durante a aula.

— Vejamos. — Ele batia com o dedo indicador no queixo como se fingisse contemplar algo. — Bom, sei que nenhum pintor clássico jamais viu um deus grego em carne e osso. Logo, declaro que não, não é necessário experiência pessoal para criar algo encantador.

Hattie hesitou. Acreditava ele verdadeiramente que o propósito da arte era ser *encantadora*? Mas ele parecia tão agradado com a resposta que dera... e ela conseguia sentir a atenção dos outros alunos a incidir de novo para eles, como formigas a correr para uma carcaça fresca. Naquele dia aquilo irritava-a. Levava meses para os jovens pararem de murmurar e olhar para ela quando aparecia durante as aulas. A aula de desenho geral de Ruskin era aberta ao público e recebia tanto homens quanto mulheres, sem qualquer problema, mas uma mulher verdadeiramente matriculada nas suas aulas de história da arte? Escandaloso. A seguir queria o voto. Na realidade, queria. E uma mulher com permissão para assistir aos cursos de desenho nas galerias? Chocante, mesmo com a tia como acompanhante colada a ela. A tia encontrava-se presentemente a fazer uma sesta numa cadeira de verga especialmente providenciada para o efeito, confortável numa coluna de luz solar junto à janela mais próxima, e sem estar numa posição de distribuir olhares fulminantes.

Hattie vislumbrou a sua Perséfone, parecendo tão enfadonha e enfadada, e sentiu um aperto no estômago.

— Acontece — sussurrou ela para Lorde Skeffington, ignorando os ouvidos que se esforçavam para escutá-los — que li um ensaio por John Dewey há uns tempos. Ele argumentava que a arte é *arte* apenas quando consegue criar uma experiência humana partilhada, uma comunicação, se assim o desejar, entre a obra e o público. Se não o fizer, não passa de um objeto.

Sua senhoria pestanejava rapidamente; Hattie porventura falara muito depressa.

— Existe um sentido de reconhecimento — tentou de novo — entre o artista, cuja arte incorpora uma experiência universal, e as experiências pessoais do observador. Um momento de encontro de mentes estranhas?

— Dewey, Dewey — ruminou Lorde Skeffington, com uma expressão polida. — O nome é-me familiar. Ele não é americano?

— É, sim.

— Ah!... — Os cantos da boca dele ergueram-se. — Normalmente têm ideias esquisitas.

Esquisitas? Soara verdade aos seus ouvidos. E com as suas experiências limitadas, podia muito bem criar algo *encantador*, mas como poderia ela criar algo que também fosse comovente e verdadeiro? Se o espírito de alguém nascesse por acaso num corpo feminino das classes altas, a trela era curta. Os homens intrometidos daquela sala podiam retirar diretamente da crueza do mundo se desejassem fazê-lo, de lugares de má reputação e vastos aos quais ela nunca poderia aceder. Havia pintoras contemporâneas aclamadas — vinham-lhe à ideia Evelyn de Morgan e Marie Stillman —, mas eram oriundas de famílias artísticas ou fora-lhes permitido estudar em Paris. Além do mais, existia a expectativa de que as mulheres retratavam motivos pitorescos. E embora gostasse de vestidos com folhos e romances com os quais suspirar, Hattie queria algo diferente para a sua arte. Queria... Supunha que, antes de tudo o mais, *queria*.

Lorde Skeffington posicionou-se à frente do quadro dela.

— Oh, mas é uma bela obra. Um belo pedaço de técnica de esbatimento aqui. Não planeava expô-la numa festa de família?

Ela suspirou internamente.

— Sim. Na semana que vem. Numa matiné.

Uma dúzia de homens influentes e suas esposas iriam ao evento na residência dos pais em St. James e ficariam para o almoço. Hattie já sabia que preferiria nada expor em vez daquilo.

— Servirá muito bem para uma matiné — disse Lorde Skeffington. — Embora tenha, de novo, escolhido um objeto bastante deprimente.

Mostrou um sorriso cauteloso.

— Deprimente? *De novo?*

— Parece ter queda para, como posso dizê-lo, cenários violentos, *Miss Greenfield*.

— Eu... não diria que o faço.

— Recordo o seu Apolo a caçar uma Calisto relutante.

— Oh, isso.

— Depois, no início do período passado, houve o seu rapto de Cassandra.

— Que se trata de um dos retratos mais populares da arte grega.

— Meramente observava uma temática — disse Lorde Skeffington suavemente.

Hattie supunha que existia uma temática. Pintara Helena de Troia no

período passado, a sua melhor obra até à data, mas, por outro lado, na sua interpretação, Helena fora a única que restara de pé contra as ruínas fumacentas de uma cidade saqueada, com Páris e Menelau destruídos aos seus pés.

— Bom — disse ela —, existe algum tema nos clássicos que não seja, pelo menos, um pouco... violento?

— Ninfas a dançar? — sugeriu Skeffington. — Deméter e a sua cornucópia, a tratar dos campos? Penélope no seu tear? Todos eles temas perfeitamente salutares e adequados.

Adequados para uma *artista feminina* eram as palavras que ficaram por dizer. A disposição de Hattie revelou-se mais teimosa.

— Creio que Hades estava desesperado quando apanhou Perséfone — disse ela com recato, pois não deveria repelir a personificação do senhor Bingley com um ataque de fúria. — O facto de estar rodeado por escuridão e morte todos os dias deprimia-o. Precisava de companhia, alguém que estivesse... vivo.

Lorde Skeffington emitiu um *tsst-tsst*.

— A desculpar o vilão, *Miss Greenfield*? Que chocante. Embora suponha que o coração terno feminino não consiga evitar esperar o bem até do mais baixo dos homens, e isso inclui — ergueu as suas mãos delicadas de forma dramática — o rei dos mortos. — Voltou a rir e, por isso, ela manteve o sorriso, fazendo com que as maçãs do rosto lhe doessem um pouco com o esforço.

A tia mostrou-se completamente desperta e opinativa durante a breve caminhada da entrada lateral das galerias até ao Randolph, onde alugaram quartos durante o período letivo.

— O jovem Lorde Skeffington é bastante atrevido — disse ela suficientemente alto para fazer com que Hattie se encolhesse. — Vi-o distrair-te do teu trabalho com conversa fiada.

Abrandonou o passo para enfiar o braço magro no de Hattie e deixou-a tonta com o aroma pesado do seu perfume francês. Agora formavam um obstáculo formidável para os outros transeuntes no passeio estreito.

— Estava apenas a fazer conversa sobre o quadro, tia.

A tia fez uma concha com a mão junto ao ouvido.

— Perdão?

— Estava apenas a fazer conversa — berrou Hattie. O senhor Graves, o seu desprezado agente de proteção, que seguia atrás delas com o seu rosto insípido e casaco cinzento, ouvia todas as palavras quer o quisesse quer não.

A audição da tia era misteriosa, pois parecia ir e vir consoante quisesse realmente ouvir alguma coisa, e Hattie já a apanhara a falar num tom perfeitamente baixo com as amigas.

— Ah! — disse a tia, e afastou um cavalheiro que tentava passar para a estrada com um agitar de bengala. — Eles começam sempre com mera conversa, no meu tempo também o faziam. Depois, querem acompanhar-te num passeio.

— A mãe ficaria bastante agradada se ele começasse algo.

— O quê?

— Eu disse: a mãe ficaria bastante agradada!

— Ah, ficaria? Ele é um pouco magricelas, não é?

Magricelas? Lorde Skeffington possuía a estatura perfeitamente agradável, nada ameaçadora, de um jovem cavalheiro que apreciava as belas-artistas. Para mais, a aparência dele pouco importava — desde que o pai casara Flossie com o magnata holandês dos têxteis com punhos largos como um presunto, a mãe tinha o olho em alguém *com título* para as restantes filhas. E como Mina esperava uma proposta de um mero cavaleiro do reino antes do final do verão, a tarefa de assegurar um par de sangue azul cabia a Hattie. Num dia normal, ela adorava em absoluto a ideia de um nobre para si. Ela achava a aparência de Lorde Skeffington ideal: louro, ilustre e apenas um pouco mais velho do que ela. Teriam muitos anos pela frente para ele posar para os seus quadros como Cavaleiro Andante...

— Cuidado. — A tia puxou-lhe o braço com força suficiente para a estancar.

Chegaram ao cruzamento com o Randolph, mas as carruagens mais próximas continuavam bastante distantes.

— Essa tua cabeça — resmungou a tia. — Sempre com as fadas. Um dia destes vai meter-te em sarilhos.

Hattie bateu levemente na mão frágil que lhe apertava o braço.

— Está a tomar conta de mim, por isso vou ficar bem.

— Hum. Então, porque tens estado a coxear?

Porque o seu tornozelo torcido continuava a ser uma recordação dolorosa da sua vontade tola por uma hora de experiências em Londres.

— Subi as escadas com demasiada pressa. — O facto de ter de gritar a mentira piorava muito mais as coisas.

— Isso devia ensinar-te a não te apressares — disse a tia. — Suponho que sua senhoria deva ser convidada para jantar, então. Amanhã?

— Amanhã é demasiado em cima da hora, tia, e é jantar de família.

— Muito bem. Então pediremos à tua mãe amanhã à noite para convidar Lorde Skeffington para uma ocasião mais formal, e em breve.

A tia esperou até atravessarem a rua e entrarem no átrio fresco e ecoante do Randolph para perguntar:

— Sabes que o nome de batismo dele é Clotworthy?

Hattie sabia-o. Agora o pessoal que dirigia a receção do hotel, o senhor Graves e alguns hóspedes de olhos arregalados, que conversavam nos sofás junto à lareira, também o sabiam.

— Sim — berrou a tia ao caminhar na direção do elevador —, Clotworthy, como o falecido pai. Agora que penso nisso, o avô também era um Clotworthy.

— Certo...

— Pensei que deverias saber antes de o convidarmos. Uma mulher deve considerar devidamente se querará ser eternizada nos anais numa longa linha de Clotworthy Skeffingtons. Eles dariam o nome Clotworthy também ao *teu* filho. Um nome demasiado grande para uma criança. Sugiro que lhe chames Clotty.

Hattie encolheu-se de vergonha e lançou um olhar discreto em seu redor. Era assim... era assim que os rumores começavam. Tais rumores podiam meter uma jovem mulher em sarilhos, e ela gostava de pensar que não estava a contornar sarilhos só porque sim. Na verdade, após a sua última excursão ter terminado com a sua boca colada à de um patife, decidira comportar-se de forma impecável durante o futuro imediato. O senhor Graves também o apreciaria, pensou, quando o agente de proteção passou por ela para dentro do apartamento para fazer a ronda habitual de verificar se algum potencial raptor entrara durante a sua ausência. Por enquanto, Graves escolhera manter o emprego com os Greenfield em vez de reportar a ausência de Hattie três dias antes, mas não o faria para sempre.

Na sala de estar, Hattie pousou a sacola pesada num dos divãs que rodeavam a lareira e espreguiçou-se com um suspiro. A tia desapareceu para o quarto ao lado e como tal dirigiu-se à janela mais próxima para conseguir algum descanso. Naquele dia o seu olhar vagueava, irrequieto, pelo passeio lá em baixo. Ainda se sentia subjugada pelo fiasco de Perséfone. A Pintura era a disciplina na qual almejava por um «excelente» em vez de um «passável», um sonho nascido tanto da ambição quanto da necessidade. Pintar não exigia nenhuma das competências habituais exigidas para a excelência, tais como a Escrita ou a Aritmética. Hattie não conseguia escrever uma linha sem dar erros ortográficos e era incapaz de copiar uma fila de números sem trocar os algarismos. O dia de hoje fora um duro recordar desse facto. *Não são os olhos,*

mas o que se poderia chamar de uma espécie de cegueira, concluíra há anos o último dos muitos médicos, quando ela não conseguira melhorar apesar de uma educação rigorosa. O pai ficara horrorizado. Se não são os olhos dela, é... o cérebro? Há algo errado com o cérebro dela? Uma Greenfield estúpida, incapaz nos investimentos e vinda das entranhas dele! A desilusão do pai doera mais que a régua do tutor, que lhe costumava bater nas palmas das mãos, uma e outra vez, castigando-a por escrever com a mão esquerda e por o fazer de maneira errada com qualquer das mãos. Uma vida de dedos magoados e espírito pisado, até ter encontrado o seu talento numa paleta colorida de tintas. Ainda assim, ouvira as palavras do pai alto e bom som mais cedo na galeria.

— Harriet — ouviu-se a voz da tia vinda do quarto adjacente. — Eu gostaria de jogar *bridge*.

Bridge. Por favor não, outra vez não.

— Só um minuto, tia — disse ela sem se virar.

Do outro lado da rua, a parede de calcário de Balliol College, beijada pelo sol, irradiava uma tranquilidade estoica e dourada. Se as paredes pudessem parecer sábias, as de Oxford ganhariam o primeiro prémio.

Puxou os ombros para trás e inspirou fundo. Chegara tão longe. O seu lugar em Oxford era o culminar de trabalho árduo e isso acarretava um peso especial para alguém a quem habitualmente se davam coisas antes de sequer saber que precisava delas. O pincelar dela costumava ser estranho e escorregadio com o seu medo da mão esquerda; praticara durante horas, com os dentes cerrados, até manusear as suas ferramentas de forma competente tanto com a mão direita como com a esquerda. Lutara com todos os livros repletos de palavreado de Ruskin, incluindo *As Leis de Fésole*. Cega quanto às palavras ou não, atualmente aprendia com o melhor. Muito bem, Oxford não era Paris, para onde ela, como qualquer outra jovem inclinada para as artes e na moda, preferiria ter ido — mas fora o quão longe a deixaram chegar, e não desistiria devido a uma crise provocada por um beijo...

— Harriet!

Deixou escapar um pequeno suspiro. Talvez fosse também altura de escapar ao domínio da família. O primeiro passo seria convidar um potencial marido para jantar.

A reminiscência de um olhar frio e cinzento passou-lhe então pela mente e sentiu um pequeníssimo e indeterminável arrepio na espinha.

